

GADIEL PERRUCCI

UMA EUROPA

NOVA

DA EUROPA POSTERIOR A 1945, tem-se escrito e falado bastante; não somente historiadores, mas economistas, sociólogos e filósofos. Da completa exaustão decretada pelas tropas que tanto lhe vasculharam os caminhos e a alma, ficava ao jovem que ouvia notícias de guerra com vivo interesse a impressão de que a vida civilizada somente poderia ser continuada em outras partes do mundo que não a européia. Assistíamos, então, a invasão americana aos costumes do homem brasileiro, quando a Europa, convalescente, recolhia-se tímidamente aos seus museus e a seus planos de reconstrução, falando-se pouco, ainda, de assuntos africanos e asiáticos.

Da Europa e de sua ruína falava, em 1949, Ortega y Gasset em sua *De Europa Meditatio Quaedam*. De uma Europa novamente decaída, compadecia-se Ortega dizendo aos alemães do após-guerra: "Las ruinas forman parte de la íntima economía de la historia. Las ruinas son ciertamente terribles para los arruinados, pero más terribles sería que la historia no fuese capaz de ruinas. Sentimos como una pesadilla la imaginación de que todas las construcciones del pretérito se hubiesen conservado. No tendríamos lugar donde poner nuestros pies".

O fato, quase surpreendente, é que Ortega, como em muitas outras coisas, era, então, profético. Os europeus estão construindo lugares "adonde poner sus pies" e, mais ainda, "adonde poner sus almas". E o que é importante, a Europa deixa de ser um conglomerado de países rivais e começa a ser

potência orgânicamente realizada. Pela primeira vez, ao que parece, os europeus modernos encaram as possibilidades de existência de uma Europa e não de várias Europas, ou de uma Europa supra-nacionalmente construída, agora em pleno processo de ressurreição.

Não mais de ruína, mas de ressurreição é que surge agora, quase 20 anos depois da Grande Guerra, um novo livro de Europa. São as "meditaciones" de um brasileiro, intelectualmente um dos mais completos de nossos escritores, sempre amante das coisas européias, mas sempre preocupado com os nossos problemas continentais, pois, é de confissão patriota do Trópico e não apenas do Brasil.

O recente livro de Gilberto Freyre (*Sugestões de um novo Contacto com as Universidades Europeias* — Imprensa Universitária — Recife, 1961) apresenta-nos quatro conferências sobre Europa e mais uma sobre o Infante Dom Henrique, afora apêndices sumamente interessantes sobre "Uma Universidade Européia Supranacional", "O Novo Programa do Partido Social-Democrático da Alemanha", "Refugiados da Alemanha Oriental na Alemanha Ocidental: Predominância entre Jovens e Intelectuais" e "Atualidade do Infante Dom Henrique".

Da primeira conferência tentaremos mostrar o novo pensamento de Gilberto Freyre sobre a Europa.

Convencionais, Gilberto Freyre destaca o novo pensamento sociológico europeu, no sentido de unir-se a Sociologia européia, excessivamente teórica, abstrata, especulativa, ao tipo de estudos sociológicos desenvolvido pelos anglo-americanos tendentes para o empiricismo ou para uma ciência aplicada ou experimental. Movimento de unificação e não de subordinação de tendências sociológicas, superando dessa forma ISMOS convencionais, como o "teorismo" ou o "empiricismo", passando-se a fazer Sociologia ortodoxa e depurada. Unificação, de resto, já prevista pelo próprio autor de *Sobrados e Mucambos* que, no Brasil, vem utilizando processos de investigação quase que de sua própria invenção — invenção como construção metodológica quanto ao social, semelhante à invenção que se poderia dizer de uma obra poética — aplicando em suas pesquisas os aspectos teóricos e empiristas da Sociologia, em obras orgânicamente composta. Uma Sociologia, para Gilberto Freyre, híbrida ou anfíbia ou ainda tríplice: científica, aplicada e filosófica.

É, aliás, o mesmo fenômeno que se reflete no campo do Direito, especialmente na Alemanha, de onde provêm as mais sutis e extraordinárias teorias jurídicas, mas que, ao senso comum, pareciam tão divorciadas e desviadas da realidade social. De uma Sociologia jurídica e, também, Filosófica, preocupada com a investigação dos valores subjacentes ao Direito e intimamente influenciadores da ordem social, vêm se aproximando os estudiosos alemães de hoje. Estudos, ainda, teimosamente desdenhados pela quase totalidade de nossas Escolas de Direito, quando o Brasil é um dos países que mais apresenta características de mudança social e de evolução cultural.

Na Europa, em especial na Alemanha, após as duas guerras mundiais, surgiram inúmeros problemas causados pelos conflitos e pela mudança dos valores que não estavam previstos pelas legislações mas que, irretorquivelmente existentes, precisavam sofrer tratamentos jurídicos e sociais, como por exemplo, o caso de coexistência das minorias étnicas, os exotismos aparecidos na Europa trazidos por influências estrangeiras, ou ainda, para citar um dos mais famosos problemas sócio-jurídicos do mundo moderno, o chamado "abôrto sentimental", discutido exaustivamen-

te tanto por juristas como por sociólogos e psicólogos.

Da importância do problema, decorre o interesse de europeus por trabalhos que, em sociedade ainda em formação como a brasileira, realizara Gilberto Freyre sobre uma reinterpretação sócio-filosófica dos valores.

Necessitando de uma nova concepção do Direito — em especial, o Direito constitucional — destaca Gilberto Freyre, é que a República Federal Alemã vem construindo um sistema que a resguarde da desintegração desenvolvida entre os alemães sob o impacto das duas maiores influências sofridas pela Europa, ou seja, o capitalismo e o comunismo, ISMOS arcaicos, para o autor, e melhor interpretados como influências anglo-americanizantes e eslavizantes. Superação de ISMOS que se realizaria ainda na profunda penetração da filosofia de Martin Heidegger, mais do que outras filosofias modernas, na Arte, Teologia, Pedagogia, etc., um quase "imperialismo" heideggeriano no pensamento alemão, conseguindo êsse tipo de Existencialismo aproximar os diversos ISMOS, superados e convencionais, "concorrendo, por conseguinte, para aquela superação de ISMOS convencionais através de uma interpenetração criadora, fecundada e dinâmica". É não somente Heidegger, mas Gabriel Marcel, que, para Gilberto Freyre, ao contrário de Sartre, vem influenciando grandemente o pensamento alemão atual.

ISMOS convencionais, ainda, em vias de superação face ao forte contingente de refugiados da Alemanha Oriental que, desiludidos pelo sistema eslavo de governo, passam para o Ocidente carregando consigo elementos válidos de organização estatal que confrontam ao dilatado espírito de competição ocidental. Tais sistemas, contrários por si mesmos, contudo, estão, sugere Gilberto Freyre, se interpenetrando e superando os convencionais e arcaicos comunismo e capitalismo. Essa interpretação de contrários aparentemente inconciliáveis representaria uma das mais inesperadas contribuições do gênio germânico à marcha da humanidade, porque criadora de novos rumos e de novos estímulos.

Assim, não aconteceria apenas o que a imprensa diária notícia, isto é, a fuga de alemães da parte eslavizante para a anglo-americanizante, mas, antes, que dos dois lados a fuga existe. Se do lado oriental pulam para a liber-

dade, principalmente jovens e intelectuais, da parte ocidental jovens e intelectuais estão tentando salto mais audacioso, ou seja, a fuga pacífica e culturalizante de um sistema de vida social para nova lógica existencial representada por um sistema híbrido construído do que seja válido no capitalismo e no comunismo ou socialismo de tipo eslavo. A insatisfação entre os jovens das duas Alemanhas provocadas por ISMOS convencionais pode parecer apenas um dos momentos de rebeldia por que passa a juventude de todos os países que, no aspecto existencial, se debate entre duas fortes ideologias que têm tentado apenas solucionar as coordenadas materiais da vida. Vale lembrar, ainda, que cêdo, se seguirmos o texto da conferência, a tentativa de formação de uma civilização cristocêntrica que, se estendida a todos os aspectos da vida, contribuiria não somente para a definitiva superação dos ISMOS convencionais, como seria capaz de abrir, com todos os modernos recursos da técnica e da ciência, novas perspectivas para a humanidade. É a contribuição, de resto, que se esperaria da civilização brasileira, ou para usar a terminologia de Gilberto Freyre, de uma civilização do tipo lusotropical, ou, mais largamente, hispano-tropical.

Ainda sobre a Alemanha, destaca Gilberto Freyre a injustiça de se atribuir à influência ianque a extrema comercialização reinante na Alemanha Ocidental, abrandada sensivelmente na outra Alemanha. Decorre êsse fato mais de influências comuns que atingem tanto os Estados Unidos como a Europa Ocidental, cuja economia excessivamente capitalista e privatista entrega-se a extremos de competição chegando a resultados socialmente mórbidos.

E são precisamente aquêles jovens refugiados que mais merecem do autor a denominação de "indecisos Hamlets modernos", pois, seriam êles os agentes de um nôvo ideal, de uma nova Alemanha messiânica que retirasse valores do Socialismo e Comunismo, tornando-os plásticos e flúidos, que se conciliassem com outros ideais construindo-se dessa forma um nôvo ISMO, quase eterno, ou seja, o Personalismo que não seria subordinado aos valores socialistas ou capitalistas, ou ainda, eslavizantes ou anglo-americanizantes.

Tais são as perspectivas de superação de ISMOS convencionais e arcáicos que dariam,

para Gilberto Freyre, os jovens insatisfeitos alemães, modernos Hamlets, proporcionando assim, talvez pioneiramente, novas saídas para a crise atual, crise já definida como de caráter nitidamente metafísico. Honesta interpenetração de contrários aparentemente inconciliáveis seria a nova fôrça, jovem e virgem, para uma definitiva ressurreição européia, particularmente a alemã.

Se nas Alemanhas, o pensamento da juventude universitária é de conciliação, ou superação, o quadro europeu ocidental não deixa de apresentar sintomas paralelos.

Relembra Gilberto Freyre seus contactos com líderes franceses do sindicalismo e do comunismo e chega à constatação numérica de que os jovens cada vez mais se alheiam da ideologia eslavizante. Destaca o envelhecimento de antigos dirigentes comunistas face ao pouco entusiasmo dos jovens. Na França, 56% dos membros do partido comunista têm mais de 40 anos de idade e apenas 5,6% apresentam menos de 25 anos. Por outro lado, o número de membros militantes diminuiu desde a "libertação". Hoje, possivelmente, não há mais de 300 mil comunistas ativos e destes apenas um décimo, talvez, se disponha "a lutar nas ruas pela causa redentora".

Disso resulta que o partido comunista francês tem que usar uma equipe de pelo menos 4 mil agitadores sociais, especializados e altamente treinados, como guarda e piquete de plantão. Para Gilberto Freyre, êsses fatos parecem mostrar que os comunistas franceses, de há muito ultrapassaram a fase mística ou messiânica. São, agora, grupos de oposição convencional sem penetração na juventude, esperança maior do destino nacional.

Talvez que isso servisse de advertência à parte da juventude brasileira, atualmente extremamente entusiasmada pelo comunismo, advertência de que nosso destino está, muito provavelmente, dentro de perspectivas culturais mais ibéricas, lusitanas e hispânicas e estas aliadas às nossas próprias situações de homens tropicais do que mesmo em imitações artificiais adquiridas em bancos de estudo ou movimentos de rua.

Na Universidade de Colônia, verifica Gilberto Freyre, — a revivência do gôsto pelo

francês — a ressurreição do espírito autenticamente europeu e de características supranacionais — os pendores cosmopolitas de convivência, ao lado de constantes regionais de paisagem e cultura. Ressurreição alemã no culto regional — atribuindo-se justa importância sociológica às raízes folclóricas — no culto da província, da aldeia. Fato bastante sensível ao iniciador do Movimento Regionalista brasileiro, que seria a seu ver, das coisas mais inteligentes, “a importância concedida a tais raízes (as regionais e folclóricas) pelos analistas do ETHOS e da cultura de um povo (o alemão) cuja superindustrialização o vem conduzindo com extrema rapidez à posição de pioneiro de uma civilização automatizada”.

E dessa automatização decorre diretamente o problema tempo-lazer visto que as horas de trabalho humano tendem a diminuir com a substituição do esforço físico pelo esforço mecânico. Quanto ao problema do tempo, aliás, o próprio autor já vem insistindo em diversos trabalhos realizados no Brasil sobre uma Sociologia do Tempo.

Destaca Gilberto Freyre a importância da relação entre o Homem e o Tempo; e, em dias de uma cultura automatizada, a importância do lazer, da distração ou do ócio é, em todos os pontos, transcendente. Ócio e lazer ainda entendidos como elementos válidos para a cultura humana e não traduzidos como indolência e desleixo ou sintomas de patologia social. Elogio do lazer que vinha sendo considerado por algumas culturas, como a anglo-americana, por exemplo, como anacronismo do século XX, mas que, face às novas situações criadas pela máquina, toma cores atuais e de inequívoca importância. É, ao que parece, mais uma superação de velhos aforismos como o de língua inglesa: “Time is Money”.

E das relações Homem-Tempo, relembra Gilberto Freyre, o sistema hispânico de desdém pelo tempo cronométrico e a valorização pelo “tempo folclóricamente festivo e espiritualmente significativo”. Tão ao gosto dos espanhóis e tão dentro do círculo de interesse de Gilberto Freyre que, em face de suas constantes meditações e estudos, volta a ser convidado para, na Universidade de Colônia, conceder cursos e conferências sobre uma “Filosofia ou uma Sociologia do Tempo”.

Interesse pelo Tempo, sociologicamente considerado, dos alemães de hoje, que seria, ainda, um dos aspectos de ressurreição.

Interesses refletidos em considerações tais como a de se saber se a gente hispânica está “em situação de concorrer para uma revalorização de base folclórica do lazer entre as multidões das áreas superindustrializadas do mundo ora em processo de rápida automação, pelo fato de ser uma gente — a hispânica — que, graças a um Cristianismo em grande parte folclórico, festivo, comemorativo de santos, guarda imensas reservas de danças, cantos, folguedos, suscetíveis de ser modernizados ou adaptados a multidões modernas, ou ainda a tendência do hispano de dividir o dia menos cronometricamente do que em madrugada, manhã, meio-dia, tarde, fim de tarde, noite, noite alta, como se com o seu pendor para o individualismo anárquico só soubesse aceitar imposições de tempo, natureza e do seu ritmo; e não dos relógios”. Daí a crítica de Gilberto Freyre à destruição, face ao novo tempo-produção, de influência eslava, das multidões folclóricas, dos deuses ou dos santos associados, senão litúrgica, folclóricamente, não só ao seu tempo-trabalho como, principalmente, ao seu tempo-lazer”. E, talvez, seja o maior perigo que uma socialização asfixiante possa trazer, o de uma “superficialização da cultura pela ênfase mecânica”, em prazo curto, substituindo ou esmagando os valores tradicionais do folclore, litúrgico ou profano, desenvolvido, guardado e professado por massas, ainda, iletradas.

E da sua Sociologia do Tempo, procura o autor reabilitar a cultura hispânica, dentro do seu imenso espaço-social — europeu e também tropical — apresentando o assunto mais como elemento de valor, de interpenetração cultural, nada desprezível, dentro do contexto de uma civilização automatizada e excessivamente cronometrada. Mais uma reabilitação do tempo — como o entende o hispânico — do que uma apologia cega a determinada cultura como um todo. Mais, uma identificação do tempo com a vida.

Preocupando-se ainda com os problemas trazidos pela transposição de culturas européias para os trópicos ou, em outras palavras, pelo alargamento do espaço social e cultural de europeus, especialmente os lusitanos e os hispânicos, através de áreas tro-

picais, retoma Gilberto Freyre suas idéias, de há muito pensadas e expostas, acêrca de ciências como a Luso-Tropicologia e a Hispano-Tropicologia. E de tanta identificação com suas próprias idéias e teorias, confessa-se o autor, quase emotivamente, cidadão de uma pátria chamada Trópico.

De tôdas essas considerações, contudo, é que decorrem as afinidades cada vez mais claras que se encontram no modo de pensar europeu em sua valorização do trópico e em sua receptividade a estudantes e cientistas de países tropicais. Como acentua o conferencista, grande parte da contribuição ao corpo discente das Universidades européias — composto por jovens — provém de países, no dizer dos alemães, em processo de desenvolvimento.

É observando, ainda, as Universidades européias que Gilberto Freire destaca o incomparável nível de ensino superior, agora, completamente reabilitado em seu sentido de desenvolver uma cultura europeizante e universal e não apenas nacionalizante, não prescindindo mesmo tais Universalidades da colaboração de mestres estrangeiros de pensamento e contribuição originais e significativos,

comparando com justeza o descaso que no Brasil se observa quanto ao nível técnico e científico de nossos professores e quanto ao pouco e escasso intercâmbio realizado pelas nossas Universidades.

Conclui o Prof. Gilberto Freyre a sua magnífica conferência, acentuando o interesse considerável da Europa pelo Trópico, na reaproximação de suas elites e nas novas perspectivas de estudos e considerações dos europeus. Consentem êles que têm o que aprender de não europeus de áreas tropicais, mencionando-se, inclusive, a originalidade e pioneirismo tropicais, em particular brasileiros, não somente quando à renovação de métodos sociológicos, como à fusão de tendências sociológicas já previstas pelo próprio autor de *Casa Grande & Senzala*, como ainda a contribuição original do pensamento brasileiro, notadamente o mais identificado com a Escola do Recife em "approaches" de caráter sociológico, ecológico e antropológico. Com uma Sociologia Projetativa, ou do "Futuro", europeus extinguíram, ou estão superando os ISMOS convencionais e quase mortos ou já "mumificados".

